

O Disco das Horas: Guia de Escuta*

Bernardo C. Oliveira*

1a Hora

Tamborilando no tampo da mesa, escorre em transe uma baba. Uma sanha engrena e, no clima, encaixa uma pantera. Preâmbulo: abre os olhos, acorda e vê a cor do tempo: cro-no-cro-mi-a. Uma voz ouve: o som não ensina a viajar; vai, viaja e bate de frente: tropeça, desperta, levanta e, novamente. Pede um café. Um cheiro forte e áspero sobe, um som que o acompanha faz lembrar uma canção que ouvíamos na infância.

2a Hora

Duas pessoas, além-vida, além tropos: corpos que não se lembram “de ouvido”, de “ouvi-dizer”, mas de encontro sobre encontro, de troca sobre troca, de mete-mete e lambe-lambe e de fala, e fala mais, e fala como faz. Nesse delírio, reencontram o que foram como quem tropeça um fóssil e em um lampejo, revira a sacola repleta de pequenos objetos capazes de produzir sons estridentes.

3a Hora

Ouve: Jamelão com Orquestra Tabajara cantando Lupicínio Rodrigues é goleada. Essa é a jogada, o esquema tático, a virada, a promessa, na forquilha desliza para morrer na rede. Essa foi das primeiríssimas coisas que escutei na vida: a Santíssima Trindade do meu pai. Um autêntico estilo de época não tem nem começo nem fim. Metaleira suntuosa, vocais recortando o ritmo, batucada altamente malandreada. A música nunca foi uma "invenção sem futuro", mas uma corrente complexa do comportamento humano a proliferar filmes de invenção, prolongando os esforços não do teatro realista, mas dá pintura de Vermeer e Cézanne. Pintar o tempo, pintar o movimento, filmar o tempo, filmar o movimento... corresponde a fazê-los soar. Mas há também o tempo que passa e as coisas se transformam em história.

4a Hora

A musa embrutecida parece gozar à distância neste curtume de homeros comuns, delirando ao compasso do macho, do machado e da cuíca, inventos apócrifos que ensinam a enxergar a força errática e opressiva do som. A cuíca, particularmente, ensina o alfabeto roncador com seu lamento grosso, uma agonia que range nas bordas da boca animal, nas extremidades mais quebradiças e doloridas. Emitem pequenos ruídos, esfacelamentos que não soam por si mesmos: você precisa amplificá-los.

5a Hora

Tunga não gostava do termo instalação, preferindo substituí-lo por uma instauração: menos uma técnica de realização do que a aplicação meticulosa do incêndio. Na mesma chave, o "cinema é cachoeira" de Humberto Mauro não alude somente ao fluxo — à intensificação da duração, do imaginário em curso — mas às qualidades ruidosas da inundação: o instante limítrofe, a alma transborda a conta gotas. Ambiente de rarefação progressiva e contínua modulação, a mistura de soluções e materiais conferem uma

* Para ler escutando O Disco das Horas” de Romulo Fróes simultaneamente. Cada “hora” do texto corresponde às “horas” do disco.

qualidade vertiginosa ao ritmo do afogamento. Serras da Desordem: a sequência que representa o tempo histórico em que Carapiru erra pelo país não opera somente a reversão dos signos identitários nacionais, mas preenche o tempo como a água preenche o copo: em uma certa disposição do fluxo reside o prenúncio de uma catástrofe inevitável.

6a Hora

Nem uma cosmologia existe sem um elevador quebrado, uma fisgada no omoplata, na virilha, uma brisa artificial que corre e, cardíaca, penetra as narinas. Você então está possuído pela malemolência do boato! Ele separa a eternidade de todo o resto, as estrelas são atraídas por esta espécie de ordem destruidora, as gargalhadas já não soam como festa, mas a agonia dos anjos caídos, do baixo clero, todos em franco desespero no rodadoiro da ressaca. Não por acaso, somos parte necessária dessa ordem — e assim como todas as forças que concorrem nesse mocó, a primeira hora não podia deixar de ser: Matita Perê!

7a Hora

Em meio à ressaca assistimos a uma grande formação. Imensa, sua proximidade faz com que perca a força. Ouve esse partido, esse cortado: era eu, era tu e ela. Era ela, era tu e eu. Hoje nem tu, nem ela, nem ela, nem tu, nem eu. A intervenção centrípeta de outras torrentes se intrometem, fazem surgir novas possibilidades de formação na mesma superfície onde o surfista de trem desliza, puro cinza, vulto cinzento, estripado, acinzentado.

8a Hora

Uma tarde a dois num hotel do centro da cidade: essa idade. Poderia ter sido até mesmo aquele ali da Rua das Marrecas ou em um samba de rua, desses que rolam às quintas no Centro, atravessados por fumaça de churrasquinho e distensão de membros e músculos. Te vejo por lá qualquer dia, eternizada na veia de lodo que reveste e serpenteia as pedras portuguesas nas ruas das cidades mais antigas e fazem o sangue correr. É carnaval. Vieira não escrevia no papel, mas na grande pedra metafísica que fustiga no sapato dos amantes meio doidos de cachaça e lança-perfume, essa onda que faz ouvir vozes. E ficamos meio-vivos, meio-mortos, meio mortos-vivos, cambaleando no andamento dois por quatro. Samba: espaço-tempo que favorece o balouçar de ancas.

9a Hora

Um som: não sabemos nunca o que é um som. E talvez uma ontologia do som não passe da mais inútil das preocupações. A própria ideia de um som genérico, que atravessaria todos os sons possíveis... Pouco importa a ideia geral, as representações imediatas dos sentidos! Nenhuma satisfação a dar ao ver, ao ouvir, ao lembrar, ao imaginar... Um som só pode ser um objeto, uma potência, um feitiço a suscitar embarques, desfiar-se em tantas outras imagens e resquícios de imagens... Um som só faz baratinar, desorientar, não exprime nada, não há "sentido" no som, pelo contrário: o som imprime, inscreve, envolve e invoca, desdobrando-se em outros conjuntos, outras formações.

10a Hora

Ouve: a guitarra sem modos no salão da grande música, da grande tradição, da grande modernização, de toda grandeza disfarçada. A guitarra é uma marca, uma troça, uma adaga de ponta de cobre, ponta ferrugem, traçando contornos no espaço invisível das horas, desbotando o paladar. Bebemos zinabre e óleo de motor, passamos o dia macerando cascas e caroços em vistas de extrair poções de veneno para distribuir em pequenas

quantidades pelos chopinhos da Atlântica, de todos os bares que são os últimos monumentos da Bossa.

11a Hora

Uma coceira se exalta, drama e exuberância com uma pitada opulenta de sexo matinal e sugestão: primeira, segunda, terceira hora, sem deixar minguar, esvanecer, sem esfarelar e arrefecer, só joga, só jogando pra cima e reanimando o telecoteco, tomando conta da birosca, subindo a ladeira de paralelepípedos. Os anos 50, a década de ouro da grande música popular brasileira.

12a Hora

Força plástica: na canção de amor tudo pode. O verso atravessa o ventre, retorce os músculos da coxa, a maçã do rosto, esfarela os olhares como kief, tempero, poeira de terra, de cominho e nó de cachorro. Mas de uma terra sem pátria nem povo, sem biblioteca nem culinária, apenas secreção, mistura e segredo e mais secreções variadas, jorrando dos membros cansados e se misturando a outros líquidos e jorros, mutações, transfigurações: a verdade revelada, o barro sonoro, o samba subterrâneo. Canta o amor, mas quando o amor acaba, resta uma estátua do incondicionado, resta uma doença da ideia, óculos mal ajustados, objetos precários que tornamos mágico por excesso de habilidade e carregamos por aí perdidos em bolsas de maquiagem, em mochilas de viajantes e seus aviões atrasados.

13a Hora

Não é televisão, navalha. Não é bambolê, rasteira. Nem como a alegria no funk, nem mais um mistério rompante, nem mais um cintilar nervoso: apenas o que pode cingir a canção, dobrá-la e guardá-la no próprio ventre.

* Professor Adjunto de Filosofia na Faculdade de Educação/UFRJ